

# MULHERES COM PAU: CORPOS E AS RELAÇÕES DE PODER

Violet Alex Sandra Anzini Baudelaire

Cursando Graduação em Arqueologia

Universidade Federal do Rio Grande (FURG)

[alex-anzini@outlook.com](mailto:alex-anzini@outlook.com)

Relato de Experiência

Corpos que andam, que falam, que gritam, que esperneiam, que sorriem quando querem chorar, que choram quando querem sorrir. Corpos que se constroem, se destroem, se mutilam, desconcertam e cutucam. A presente resumo é a narrativa de um projeto de TCC em desenvolvimento, desde o segundo semestre de 2017 no curso de Bacharel em Arqueologia com ênfase em Arqueologia do Capitalismo, da Universidade Federal de Rio Grande (FURG), e que será defendido no final de 2018. Propus pesquisar as relações de poder que se ocultam sob às maquiagens dos contextos sociais que permeiam os corpos das mulheres trans, e aqui compreendo que as mulheres trans são categorias muito subjetivas, ao ponto de que tentar forjar uma noção para essa categoria é potencialmente problemático, pois assim como demonstra Judith Butler (1990) a categoria mulher como tem sido pensada pelas primeiras ondas do feminismo não compreendia todas mulheres, logo cumpria-se o papel contrário à emancipação feminina, o que me faz pensar se não seria interessante deixar essa categoria à deriva? A questão chave é tentar compreender como o sistema sexo-gênero da modernidade que foi socialmente construído e é historicamente determinado, estrutura nos relações sociais permeando-as através de duas categorias de gênero hegemônicas, ou seja, as noções de homem-mulher. Estas categorias são naturalizadas em contextos ideológicos, político e históricos que tornaram outras formas de vida sociais não cis-heteronormativas como algo pejorativo, e as varreu para o mundo obscuro da perversão, do oculto e do curioso, mas as incita o tempo todo e assim conformam uma estrutura antagônica de, por alguns lados corpos padronizados, e por outros lados os corpos marginalizados que não se inserem nas

logicidades do mundo binária, cisgênero, heterossexual, machista, patriarcal, moderno e capitalista.

O que acontece com os corpos que não conseguem se inserir nos contextos hegemônicos citados à cima, como por exemplo as mulheres trans? E por mulheres trans eu compreendo todas as sujeitas que em algum momento se tornaram mulheridades independente de serem ou não femininas, terem ou não um pênis, barba, cabelos, saia, etc. Mas compreendo também como essas identidades diversas são performadas cotidianamente através de uma rede de significados cis e heteronormativa e binárias mas que transborda possibilidades de gênero e sexualidades incoerentes para a matriz cis-heterossexual. Como essas mulheres usam a materialidade que constituem seus corpos para performar e legitimar suas identidades de gênero? Onde ficam os limites entre as possibilidades de estratégias que as mulheres trans adotam para superar os abusos de poder que sofrem cotidianamente? Há uma estrutura entre as relações sociais e os corpos cis-gêneros? Como os corpos trans performam estas relações sociais? Se sim, elas se dão da mesma forma que nos corpos cis-gêneros? Quais os limites para os corpos trans nessas relações sociais? Perguntas como essas motivam uma reflexão sobre o poder simbólico dos corpos e os processos de construção de significados que os conformam.

Ao afirmar suas identidades as mulheres trans passam à usar uma série de materialidades que ao longo do tempo se tornam parte de seus corpos, usam para isso todas as materialidades que foram convencionalmente usadas, criadas, significadas, e ressignificadas para representar o mundo feminino, mas que vão além da representação, pois a materialidade e a imaterialidade são uma coisa só, são a vida social das coisas, e no fundo qualquer análise sobre a vida social das coisas não pode ser feita se pensarmos uma separada da outra. O que teoricamente permitiria que elas fossem reconhecidas enquanto mulheres na sociedade, mas isso é potencialmente problemático porque tais materialidades não correspondem as expectativas, e no fim de contas elas não tratadas como mulheres e a sociedade as vê como corpos abjetos e repugnantes. Por outro lado, na maioria dos casos, ao usarem essas materialidades que vão desde um salto alto e maquiagens até cirurgias de resignação, elas buscam atingir padrões de feminilidade hegemônicos que oprimem elas mesmas. Mas se não são femininas o suficiente são sempre tratadas como objetos sexuais, como no relato que público a baixo.

*“A Última chance empilhada*

*Quase todos os homens com quem eu já transei se decepcionaram muito quando eu me despi à suas faces gélidas e pervertidas. Quando me veem sem barba, com maquiagem, saias, saltos altos imobilizantes, cabelos compridos, no mínimo médios, batons vibrantes e fortes; eles enlouquecem. Querem alguma coisa rosa, delicada, frágil, em perigo. Querem algo que achem feminino.*

*Mas ao me despir eu fico nua de toda minha feminilidade, então eu revelo um corpo com formas robustas, musculosas, com pelos, e uma piroca. É como descobrir que papai Noel não existe, É como se eu os acordasse de um conto de fadas.*

*Foi quando eu descobri que eles não sentem atração por corpos com pênis e nem com vagina. Eles sentem atração por uma imagem feminina conforme os padrões conservadores. Tem que ser frágil para violentar. Porque a maioria deles tem fetiche por estupro. Eles sentem prazer quando eu grito, mas sentem mais ainda que eu quero gritar e não consigo. Gozam quando meus gemidos parecem choro de dor. Alcançam o orgasmo quando eu fico com medo, quando eu me sinto impotente, quando eu pareço submissa a eles. Riem de mim quando eu estou drogada e imploro para que não façam alguma coisa sem meu consentimento. Porque eu pareço meiga implorando piedade sob seus pés.”*

Mas essas não é a única narrativa, o mundo das mulheres trans é repleto de narrativas muitos subjetivas, tristes, dolorosas, mas que também podem ser felizes, resistentes, e de vitórias. Aqui temos um caso de corpos que são hipersexualidos em função dos significados e discursos que lhe são atribuídos, que não são apenas palavras, mas também um gesto, uma roupa, um olhar, um contexto, uma ideia. Aqui vejo corpos que são excluídos por trabsordarem as logicas hegemônicas da sociedade moderna, mas que nos limites dessas linhas conseguem construir redes de significados e discursos que são resistência, estratégias de poder que podem ou não transformar nossos contextos.

Pois minha função é lembrá-lx de como seus costumes, hábitos, ideais, ideologias e discursos conformam relações de poder. É denunciar como você tem privilégios em detrimento dos meus direitos. É tornar manifesto como você usa e abusa de seus privilégios que eu não posso mudar, mas posso cutuca-lx, posso fase-lx refletir e questionar, e posso culpabilizá-lx com toda a razão do mundo. Isso é o mínimo que eu posso fazer, e portanto eu escrevo, eu desenho e pinto. Por isso eu poso diante de uma câmera e fotografo. Porque eu sou uma artista pouco talentosa, mas muito inteligente, nada conformada e demasiada rebelde.